

IMAGENS DE PENSAMENTO

com Footnote 14: Angel of History

João Barrento

R.H. Quaytman

Chantal Benjamin

25.10.2020

Lais Benjamin Campos

IMAGENS DE PENSAMENTO COM FOOTNOTE 14: ANGEL OF HISTORY

ESTA SESSÃO DO CICLO DE CONFERÊNCIAS
“IMAGENS DE PENSAMENTO” É ORGANIZADA PELO
SISMÓGRAFO EM PARCERIA COM A CASA SÃO
ROQUE, NUMA COLABORAÇÃO COM O PROJECTO
DE BARBARA PIWOWARSKA FOOTNOTE 14:
ANGEL OF HISTORY.

THOUGHT-IMAGES WITH FOOTNOTE 14: ANGEL OF HISTORY

THIS SESSION OF THE “THOUGHT-IMAGES” CYCLE
OF CONFERENCES IS ORGANIZED BY SISMÓGRAFO
IN PARTNERSHIP WITH CASA SÃO ROQUE, IN
COLLABORATION WITH BARBARA PIWOWARSKA'S
PROJECT FOOTNOTE 14: ANGEL OF HISTORY.

PROGRAMA PROGRAMME

R. H. QUAYTMAN

A IMAGE ESCAPA EM TODAS AS DIRECÇÕES
THE IMAGE ESCAPES IN EVERY DIRECTION

JOÃO BARRENTO

O ROSTO POR DETRÁS DA FACE
OU A IMAGEM IMAGINANTE
THE VISAGE BEHIND THE FACE
OR THE IMAGINING IMAGE

CHANTAL BENJAMIN
LAIS BENJAMIN CAMPOS

CONVERSA TALK

O ROSTO POR DETRÁS DA FACE OU A IMAGEM IMAGINANTE

JOÃO BARRENTO

1. E quando o mesmo rosto, com proporções que se mantêm idênticas, umas vezes nos parece belo e outras feio, como poderemos negar que a beleza não reside na proporção das partes, mas que alguma outra coisa torna belo esse rosto?

Plotino, *Eneíades*, I, 6

2. Estou deitado num tempo muito extenso / entre a luz e o escuro, estou perdido / entre o imaginado e a verdade / de um mundo sem imagens...

Gastão Cruz, *Existência*, 2017

3. Os tempos são mais interessantes do que os homens.

Balzac, citado por W. Benjamin, *As Passagens de Paris*

As três epígrafes funcionarão como sinais de orientação para a minha reflexão sobre *o lugar e os sentidos da imagem no mundo e na arte contemporâneos, e da intervenção do pensamento nesse mundo.*

1. A primeira, de Plotino (mas poderia também ser Levinas), quer dizer essencialmente duas coisas: a) que no real, como na arte, tudo “existe em dobra” (Llansol), ou que, como sugere Kafka, tudo tem um “lendário outro lado”, que, de algum modo, toda a obra é “para-bólica”, i.e., *lança* o(s) seu(s) sentido(s) para uma qualquer *outra margem*; mas também b) que a *face* é a superfície, evidenciada “na proporção das partes”, de um *rosto* que se esconde sob essa superfície e a sua maior ou menor perfeição formal. Ou ainda que o “valor de exposição” de uma obra não corresponde ao seu “valor de uso” (ou de “culto”), como também já sugeriu Benjamin no seu ensaio sobre “A obra de arte...”.

2. A segunda epígrafe lembra-nos simplesmente que andamos “perdidos” neste mundo extenso, cada vez mais “enredado” e impenetrável, com pouca luz intensa e muito brilho efémero e escuro, apesar das grandes luminárias que o animam, com uma “verdade” muito sua, que é a de ser de facto incapaz, quer de verdade, quer de *imagem* (i.e, antecipando o que ainda virá: desconhecedor do espanto original e da força de “aparição” próprios da imagem). Não temos outro caminho que não seja o de... *imaginar* – dar vida a imagens-outras, verdadeiramente *imaginantes*, capazes de activar a imaginação criadora. Não simulacros, não fantasmagorias, mas “fantasmas”, sombras vivas, no sentido grego original de *imagem*.

3. Finalmente, e apenas como orientação: coloco, com Balzac e Benjamin, “os tempos” acima dos homens, proponho-me reflectir sobre algo que não existe, ou que não é facilmente definível: a *condição da arte* neste tempo – e não tanto este ou aquele artista, autor, pensador, por mais importante que tenha sido para definir o perfil desse tempo. Porque um tempo, mesmo naqueles que melhor o espelham, nunca é apenas esse tempo, mas um presente múltiplo e que se configura *com* outros tempos, como lembram as noções (de W. Benjamin) do *Jetztzeit* (Tempo de Agora, o Agora) ou *Das Jetzt der Erkennbarkeit* (o Agora que possibilita o conhecimento). Ou também, entre nós e mais recentemente, a ideia do “con-temporâneo” definido como “presente de ubiquidade” por um filósofo como José Gil, no seu livro, *Caos e Ritmo* (2018), que propõe uma leitura do tempo presente com dois planos: um “transcendental”, um plano do espírito que atravessa o presente (e que o nosso presente tende a obliterar ou ignorar), e outro “empírico”, o do movimento incessante das coisas e dos corpos físicos. Tudo está aí, “em tempo real”, tudo se tornou contemporâneo em sentido meramente empírico. Não tem lugar aqui a “imagem de pensamento” como Benjamin a concebeu e praticou, uma espécie de “mais-paisagem” (Maria Gabriela Llansol) que transforma a mera imagem empírica em objecto do ver e do pensar mais além. Farei uma reflexão sobre estas noções benjaminianas – *imagem de pensamento* (*Denkbild*), *pensamento imagético* ou *imaginante*

(*Bilddenken*), *imagem dialéctica, dialéctica em repouso* – que de algum modo determinam o título dado a este ciclo, para as trazer até à nossa contemporaneidade.

Destacam-se deste complexo de conceitos essencialmente três aspectos: a) a ideia de uma *dialéctica sem síntese*, móvel e aberta; e b) a noção de *constelação* de factores e de tempos díspares que convergem c) num momento de *suspensão do pensamento*, o “agora da possibilidade de conhecer” um passado tornado presente, uma imagem que é amplificada e transformada em pensamento escrito, nessas “imagens de pensamento” que, em Benjamin, sobretudo nos anos vinte, ganham estatuto de género literário, em livros como *Infância Berlimense, Imagens de Pensamento* ou *Rua de Sentido Único*. E comentarei também, como exemplo acabado de imagem de pensamento, a célebre Tese IX, a do Anjo da História.

A partir destas ideias, algumas questões se colocam: como falar de imagens de pensamento a um mundo-da-vida sem interesse pelo pensamento? Como pensar a imagem e seus paradoxos produtivos numa “civilização da imagem” que se transformou num mundo sem imagem, só de imagens, e que perdeu a capacidade de olhar, de ver o rosto por detrás da face dos fenómenos?

Questões que serão centrais para compreender o nosso presente, que é o de um estado de coisas que parece vir já de um momento do século XX em que alguns denunciavam “o desaparecimento da capacidade de ver e ouvir” como manifestação de uma “destruição da cultura” (mas os ecos que aqui se ouvem são muito mais antigos, vêm de Nietzsche, que proclamara já essa mesma incapacidade como um dos males do seu tempo). A resposta a algumas destas perguntas permitir-nos-á porventura entender melhor *onde estamos* – mas não necessariamente *para onde vamos*, que é pergunta de ressonâncias totalitárias, a que ninguém sabe nem pode responder.

THE VISAGE BEHIND THE FACE OR THE IMAGINING IMAGE

JOÃO BARRENTO

1. Further, when the identical face sometimes actually appears beautiful and sometimes not, though the symmetry remains identical, would we not have to say that beauty is other than the symmetry and that the symmetry is beautiful because of something other than itself?

Plotinus, *The Enneads*, I, 6

2. I'm lying in a very wide time / between light and darkness, I'm lost / between the imagined and the truth / of an imageless world

Gastão Cruz, *Existência*, 2017

3. Times are more interesting than people

Balzac, quoted by W. Benjamin, *The Arcades Project*

The three epigraphs will serve as signposts for my reflection on *the place and meanings of the image in the contemporary world and art, and of the intervention of thought in that world*.

1. The first, by Plotinus (but it could equally well be by Levinas), essentially means two things: a) that, in what is real as well as in art, everything “exists in fold” (Llansol), or that, as Kafka suggests, everything has a “legendary other side”, that, in some way, every work is “para-bolic”, i.e., it *throws* its meaning(s) to some *other side*; but also b) that the *face* is just the outward appearance, shown in the “symmetry”, of a *visage* that hides under that appearance and its greater or lesser formal perfection. Or that the “exhibition value” of a work does not correspond to its “use value” (or “cult value”), as Benjamin also suggested in his essay on “The work of art ...”.

2. The second epigraph reminds us simply that we are “lost” in this wide, increasingly “en-tangled” and impenetrable world, with little intense light and much ephemeral and dark brightness, despite the large lamps that animate it, with a “truth” all its own,

which is that of being in fact incapable of either truth or image (i.e., hastening what is yet to come: unaware of the original wonder and power of “apparition” inherent in an image). The only way open to us is... *to imagine* – to bring to life other-images, true imagining images, able to activate the creative imagination. Not simulacra, nor phantasmagoria, but “phantasms”, living shadows, in the original Greek sense of *image*.

3. Finally, and merely for guidance: as Balzac and Benjamin, I place “times” above people, I propose to reflect on something that does not exist, or that is not easily definable: the *condition of art* in this time - and not so much on this or that artist, author, thinker, however important in defining the profile of a given time. Because a time, even in those that best reflect it, is never just that time, but a manifold present that is configured with other times, as we are reminded by the notions (by W. Benjamin) of *Jetztzeit* (Now-time, the Now) or *Das Jetzt der Erkennbarkeit* (the Now of recognizability). Or also, nearer to us and more recently, the idea of the “con-temporary” defined as “present of ubiquity” by such a philosopher as José Gil, in his book *Caos e Ritmo* (2018), that proposes a reading of the present time on two levels: a “transcendental” one, the level of the mind that spans the present (and that our present tends to obliterate or ignore), and an “empirical” one, that of the endless movement of things and physical bodies. It's all there, “in real-time”, everything has become contemporary in a purely empirical sense. There is no place here for the “thought-image” as Benjamin conceived and practiced it, a kind of “landscape beyond the landscape” (Maria Gabriela Llansol) that transforms a mere empirical image into an object of seeing and thinking beyond it.

I will reflect on these Benjaminian notions – *thought-image* (*Denkbild*), *thinking-in-images* (*Bilddenken*), *dialectical image*, *dialectics at a standstill* – that determine somewhat the title given to this cycle, to bring them to our contemporaneity.

From this complex of concepts, we can highlight essentially three aspects: a) the idea of a *dialectics without synthesis*, a mobile and open dialectics; and b) the notion of *constellation* of factors and disparate times that converge c) in a moment of *standstill of thought*, the “Now of recognizability” of a past made present, an image that is amplified and transformed into written thought, into these “thought-images” that, in Benjamin, especially in the twenties, become a literary genre, in books such as *Berlin Childhood*, *Thought-images* or *One-way Street*. I will also comment, as a finished example of thought-image, the famous Thesis IX, that of the Angel of History.

From these ideas, some questions arise: how can we speak of thought-images to a lifeworld with no interest in thought? How can we think the image and its productive paradoxes in a “civilization of the image” that has transformed itself into an imageless world, made only of images, and that has lost the ability to look, to see the visage behind the mere face of phenomena?

These questions will be central to understanding our present, which is that of a state of affairs that seems to come from a moment in the 20th century when some denounce “the disappearance of the ability to see and hear” as a manifestation of “the destruction of culture” (but the echoes that are heard here are much older, they come from Nietzsche, who had already proclaimed that same inability as one of the symptoms of his time). The answer to some of these questions will perhaps allow us to better understand *where we are* - but not necessarily *where we are going*, which is a question of totalitarian resonances, to which no one knows how to, or indeed can, answer.

R. H. QUAYTMAN

nasceu em Boston em 1961, estudou no Bard College e no Institut des Hautes Études en Arts Plastiques em Paris, e recebeu o prémio Rome Prize Fellowship da American Academy em 2001. Em 2015, Quaytman recebeu o prémio Wolfgang Hahn Prize com Michael Krebber. Desde 2006, Quaytman dá aulas no Bard College, além de leccionar na Princeton University, Cooper Union, Columbia University, e Yale University School of Art. Em 2005, foi co-fundadora da Orchard, um espaço de exposições e eventos gerido de forma cooperativa que, em 2008, concluiu o seu percurso de três anos no Lower East Side. O seu trabalho está representado nas coleções permanentes do Museum of Modern Art, do Whitney Museum of American Art, do Solomon R. Guggenheim Museum, do San Francisco Museum of Modern Art, do Institute of Contemporary Art Boston, do Museum of Fine Arts, Boston, do Art Institute of Chicago, da Pinault Collection, da Tate Modern, do Museo Reina Sofia, da V – A – C Foundation, Fondazione Memmo, do CCS Bard Hessel Museum of Art, do Baltimore Museum of Art e do Stedelijk Museum Amsterdam, entre outros. Uma grande retrospectiva, *The Sun Does Not Move, Capítulo 35*, inaugurou no dia 16 de Outubro no Museu de Serralves.

JOÃO BARRENTO

é ensaísta e tradutor. Professor (aposentado) de Literatura Alemã e Comparada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Publicou vinte livros de ensaio, crítica e história literária e crónica, e traduziu literatura e filosofia de língua alemã do século XVII à actualidade, com particular destaque para a edição, em 7 volumes, da Obra de Walter Benjamin. Colaborador do jornal Público (1990-2006) e da maior parte das revistas literárias portuguesas. Vice-presidente do PEN Clube Português (1990-2006). Actualmente é presidente da Direcção do Espaço Llansol-Associação de Estudos Llansolianos, responsável pelo espólio da escritora Maria Gabriela Llansol. Recebeu os mais importantes prémios portugueses para ensaio, crítica, crónica e tradução, e ainda o Prémio D. Dinis. Agraciado com a Cruz de Mérito Alemã (1991) e a Medalha Goethe (1998).

CHANTAL BENJAMIN

nascida em Londres, em 1964, formou-se em Direito e Política pela SOAS e é fluente em quatro línguas. Vive actualmente em Berlim, onde trabalha como assistente social com famílias de migrantes e refugiados. Teve o privilégio de morar em vários países, tanto da Europa como fora dela, incluindo o Brasil. Tem tido trabalhos e interesses ecléticos, desde o ensino até à experiência de estar numa ONG na bacia amazónica. É neta de Walter Benjamin.

LAIS CHAIKO BENJAMIN CAMPOS

nasceu em Berlim em 2006. Frequenta actualmente o 9º ano, na Escola Secundária judaica Moses Mendelssohn, em Berlim. Laís é trilingue (incluindo português) e encontra-se, neste momento, a aprender hebraico. Laís tem orgulho das suas raízes que, além da Alemanha, se estendem pelo Brasil, Portugal, Reino Unido e França. Laís é também o foco do projecto de filme colaborativo “Berlin Childhood”, realizado por Aura Rosenberg e Frances Scholz. Os seus interesses vão desde as ciências às artes, e incluem a participação num grupo de teatro de língua portuguesa. É bisneta de Walter Benjamin.

R. H. QUAYTMAN

born in Boston in 1961, studied at Bard College and at the Institut des Hautes Études en Arts Plastiques in Paris, and received the Rome Prize Fellowship from the American Academy in 2001. In 2015, Quaytman was awarded the Wolfgang Hahn Prize with Michael Krebber. Since 2006, Quaytman has taught at Bard College, in addition to lecturing at Princeton University, Cooper Union, Columbia University, and the Yale University School of Art. In 2005, she co-founded Orchard, a cooperatively-run exhibition and event space that concluded its three-year run on the Lower East Side in 2008. Her work is held in the permanent collections of the Museum of Modern Art, the Whitney Museum of American Art, the Solomon R. Guggenheim Museum, the San Francisco Museum of Modern Art, the Institute of Contemporary Art Boston, the Museum of Fine Arts, Boston, the Art Institute of Chicago, the Pinault Collection, the Tate Modern, the Museo Reina Sofia, the V–A–C Foundation, Fondazione Memmo, the CCS Bard Hessel Museum of Art, the Baltimore Museum of Art, and the Stedelijk Museum Amsterdam, among others. A major retrospective exhibition, *The Sun Does Not Move, Chapter 35*, opened at the Serralves Museum on October 16th.

JOÃO BARRENTO

is essayist and translator. (Retired) Professor of German and Comparative Literature at the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. He published twenty books of essays, criticism and literary history and chronicle, and he translated German-speaking literature and philosophy spanning from the 17th century to the present, with a particular emphasis on the edition, in 7 volumes, of Walter Benjamin's Work. Collaborator of the newspaper *Público* (1990-2006) and most Portuguese literary magazines. Vice-president of PEN Clube Português (1990-2006). He is currently president of the Espaço Llansol-Associação de Estudos Llansolianos, literary executor for the estate of writer Maria Gabriela Llansol. He received the most important Portuguese awards for essay, criticism, chronicle and translation, as well as the D. Dinis Award. He was awarded the German Cross of Merit (1991) and the Goethe Medal (1998).

CHANTAL BENJAMIN

born in London, in 1964, did a BA in Law and Politics at SOAS and is fluent in four languages. She lives in Berlin and is currently working as a social worker with migrant and refugee families. She has had the privilege of living in several countries both in Europe and beyond, including Brazil. Work and interests have been eclectic ranging from teaching to being in an NGO in the Amazon basin. She is Walter Benjamin's granddaughter.

LAIS CHAIKO BENJAMIN CAMPOS

was born in Berlin, in 2006. She is currently attending the 9th grade in the Jewish Gymnasium Moses Mendelssohn, in Berlin. Laís is trilingual (including Portuguese) and is learning Hebrew. She is proud of her roots which extend beyond Germany to Brazil, Portugal, the UK, and France. Laís is also the focus in the collaborative Film Project ‘Berlin Childhood’ directed by Aura Rosenberg and Frances Scholz. Her interests are wide-ranging from science to the arts including taking part in a Portuguese-speaking theatre group. She is Walter Benjamin's great-granddaughter.

IMAGENS DE PENSAMENTO

@sismografo sismografo.org
#sismografo mail@sismografo.org

Agradecimentos / Acknowledgments:

Fernanda Araújo e Jorge Costa da Casa das Artes pela hospitalidade, José Augusto Brandão pela revisão das traduções, Abílio Silva, Rita Senra e João Pedro Trindade pelo apoio. A equipa do Sismógrafo é composta por: Cláudia Reis, Emídio Agra, Hernâni Reis Baptista, Irene Rodrigues, Luis Jacinto, Maria João Macedo, Óscar Faria, Pedro Huet, Sara Rodrigues, Sebastião Resende e Susana Camanho.



Apoio Criatório



ORG. SISMÓGRAFO
E CASA SÃO ROQUE,
18H30 CASA DAS ARTES



IMAGENS DE PENSAMENTO

"Imagens de pensamento" dá título a este ciclo de conferências que abre um espaço na programação do Sismógrafo para pensar as imagens e através das imagens. Pretende-se com estas conferências unir o discursivo e a imagem, confrontá-los, reconhecer o potencial de uma imagem, de um fragmento, resgatando experiências vitais ameaçadas num presente incerto. Estes tempos da "pós-verdade" e dos "factos alternativos", turbulentos e inquietantes, tempos de pandemias, de crises ecológicas, financeiras, políticas e sociais, são "tempos interessantes", para usar a expressão popularizada por Eric Hobsbawm. Tempos interessantes especialmente para o pensamento. Pensar é já contribuir para uma mudança. Este ciclo reivindica uma cooperação entre a força expressiva da arte e a precisão da filosofia. Sem uma linguagem que as acolha, as imagens podem cegar-nos ou nada dizer. Com estas conferências, o Sismógrafo procura cuidar o que Alexander Kluge chama um "jardim de cooperação", um lugar que preserva os momentos em que a palavra e a imagem convergem de forma a produzirem algo novo, um espaço para a discrepância e a cooperação face às cacofonias da informação, face à manipulação industrial e escravização dos sentimentos. Em tempos difíceis, de cisões e segregações, a cooperação apresenta-se como um antídoto do tribalismo (Richard Sennett). Para abrir na cidade este jardim, este espaço de debate e polifonia, o Sismógrafo convidou oradores que, em diferentes momentos e desde diferentes perspectivas, tratarão de apresentar um diagnóstico do presente.

Se em Julho, contámos com uma conferência da filósofa italiana Stefania Fantauzzi, sobre papel das imagens no pensamento de Hannah Arendt, desta vez, em colaboração com "Footnote 14: Angel of History" de Barbara Piwowarska, numa parceria com a Casa São Roque, teremos como figura central Walter Benjamin, acolhendo R.H. Quaytman, João Barrento, Chantal Benjamin e Lais Benjamin Campos.

Curadoria do ciclo: Susana Camanho e Emídio Agra

Curadoria de "Footnote 14": Barbara Piwowarska

Organização desta sessão: Sismógrafo e Casa São Roque

THOUGHT-IMAGES

"Thought-images" gives the title to this cycle of conferences opening a space in Sismógrafo's program to think images and through images. The purpose of these conferences is to unite the discursive and the image, to confront them, to recognize the potential of an image, of a fragment, rescuing vital experiences threatened in an uncertain present. This age, a turbulent and disturbing age, an age of pandemic, ecological, financial, political and social crises, these times of "post-truth" and "alternative facts" are "interesting times", to use the expression popularized by Eric Hobsbawm. Interesting times especially for thinking. Thinking is already contributing to a change. This cycle calls for a cooperation between the expressive strength of art and the precision of philosophy. Without a language that embraces images, images can blind us or say nothing. With these conferences, Sismógrafo seeks to take care of what Alexander Kluge calls a "garden of cooperation", a place that preserves the moments when word and image converge in order to produce something new, a space for discrepancy and cooperation in the face of cacophonies of information, in the face of industrial manipulation and enslavement of feelings. In difficult times, times of divisions and segregations, cooperation presents itself as an antidote to tribalism (Richard Sennett). To open this garden, this space for debate and polyphony in the city, Sismógrafo has invited speakers who, at different times and from different perspectives, will try to present a diagnosis of the present.

If in July, we had a conference by the Italian philosopher Stefania Fantauzzi, on the role of images in Hannah Arendt's thought, this time, in collaboration with "Footnote 14: Angel of History" by Barbara Piwowarska, in partnership with Casa São Roque, we will have as a central figure Walter Benjamin, welcoming R. H. Quaytman, João Barrento, Chantal Benjamin and Lais Benjamin Campos.

Curators of the cycle: Susana Camanho and Emídio Agra

Curator of "Footnote 14: Angel of History": Barbara Piwowarska

Organization of this session: Sismógrafo and Casa São Roque